

Tradução audiovisual acessível no contexto da educação de surdos: diagnóstico inicial acerca da LSE no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa

Accessible audiovisual translation in the context of education for the deaf: initial diagnosis about SDH in the teaching and learning process of the Portuguese language

Flávia Roldan Viana  

flaviarviana.ufrn@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Vera Lúcia Santiago Araújo  

verainnerlight@gmail.com

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Wilson Júnior de Araújo Carvalho  

wilson.carvalho@uece.br

Universidade Estadual do Ceará – UECE

Resumo

Imbuídos/as na perspectiva de acessibilidade comunicacional, inspirados/as por experiências vivenciadas, foi realizado no período de 2020 a 2022 o estágio pós-doutoral, aprovado pelo Comitê de ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que propôs a realização de estudos que conduzissem os/as pesquisadores/as a um aprofundamento teórico referente a conceitos pertinentes à Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) em produtos audiovisuais educacionais, relacionando seus parâmetros as videoaulas e videodocumentários enquanto produtos audiovisuais com a dupla finalidade de exposição temática de conteúdos específicos e suporte para o aprendizado da língua portuguesa como L2 para surdos. Essas discussões, culminaram na tentativa de responder à questão de pesquisa: a LSE, construída a partir do texto de chegada (Libras/L1), no contexto educacional, pode vir a contribuir para a apropriação do português como L2 por sujeitos surdos? Nesse sentido, é nesse contexto que apresentamos os resultados da primeira etapa da pesquisa que correspondeu a um Mapeamento Sistemático de Literatura e analisa o diagnóstico inicial realizado junto aos sujeitos surdos participantes. As reflexões construídas ao longo deste artigo favorecem o consenso de que a LSE pode vir a favorecer a

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 28/04/2023

Aprovação do trabalho: 02/06/2022

Publicação do trabalho: 26/06/2023

 10.46230/2674-8266-15-10589

COMO CITAR

VIANA, Flávia Roldan; ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago; CARVALHO, Wilson Júnior de Araújo. Tradução audiovisual acessível no contexto da educação de surdos: diagnóstico inicial acerca da LSE no processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa. **Revista Linguagem em Foco**, v.15, n.2, 2023. p. 122-141. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/10589>.

Distribuído sob



Verificado com

Plagius
Detector de Plágio

aprendizagem da língua portuguesa quando for produzida a partir da língua de sinais. Entretanto, estudos de recepção fazem-se necessário para atestar a veracidade de tal afirmativa. Dessa forma, é necessário aprofundar o estudo sobre LSE e produtos audiovisuais educacionais.

Palavras-chave

Tradução audiovisual acessível. Educação de surdos. Legendagem para Surdos e Ensurdidos. Língua portuguesa como L2.

Abstract

Imbued with the perspective of communication accessibility, inspired by lived experiences, the post-doctoral internship was carried out from 2020 to 2022, approved by the Ethics Committee of the Federal University of Rio Grande do Norte, which proposed carrying out studies that would lead researchers to a theoretical deepening related to concepts relevant to Subtitling for the deaf and the hard-of-hearing (SDH) in educational audiovisual products, relating their parameters to video classes and video documentaries as audiovisual products with the dual purpose of thematic exposition of specific contents and support for learning Portuguese as L2 for the deaf. These discussions culminated in an attempt to answer the research question: can the SDH, constructed from the target text (Libras/L1), in the educational context, contribute to the appropriation of Portuguese as an L2 by deaf subjects? In this sense, it is in this context that we present the results of the first stage of the research, which corresponded to a Systematic Mapping of Literature and analyzes the initial diagnosis carried out with the participating deaf subjects. The reflections built throughout this chapter favor the consensus that the LSE can favor the learning of the Portuguese language when it is produced from sign language. However, reception studies are necessary to confirm the veracity of this statement. Thus, it is necessary to deepen the study on SDH and educational audiovisual products.

Keywords

Accessible audiovisual translation. Deaf education. Subtitling for the deaf and the hard-of-hearing. Portuguese language as L2.

Introdução

A questão da acessibilidade comunicacional, assim como a diferença na educação especial na perspectiva inclusiva, gesta novas discussões no contexto da educação de surdos, pois “[...] não há educação que não esteja imersa nos processos culturais do contexto em que se situa” (CANDAUI, 2012, p. 13).

Nesse sentido, dentre as múltiplas possibilidades culturais nas quais o sujeito surdo pode transitar, os contextos educacionais, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, convergem a maior parte desses contextos. O surdo convive com uma cultura majoritária ouvinte e, com seus pares, com a cultura surda. Entretanto, os próprios contextos educacionais dicotomizam essa convivência e essas culturas são postas como binárias, sem compreender que “[...] cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado as coisas” (HALL, 1997, p. 29).

Dessa forma, a língua oral e a língua de sinais precisam coexistir, para, segundo Fleuri (2006), desconstruir o binarismo existente, para não incorrer em exaltações de uma língua em detrimento da outra, no sentido de apresentar a língua oral como único caminho possível para o funcionamento eficaz da educação de surdos.

Nesse contexto, a Tradução Audiovisual em Língua de Sinais (TALS) (NASCIMENTO; NOGUEIRA, 2019) e a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), modalidades de Tradução Audiovisual Acessível (TAVa) (JIMENEZ-HURTADO, 2007), subárea da Tradução Audiovisual (TAV), para as pessoas surdas, são recursos audiovisuais imprescindíveis quando tratamos de acessibilidade comunicacional para esse público.

Entretanto, a TALS de conteúdo específico contido em videodocumentários ou em videoaulas requer muitas vezes a criação de novos sinais ou de uma adequação de sinais ao contexto regional e ao conteúdo em si. Isso se deve ao fato de haver a possibilidade de sincronizar a LSE com a tradução/interpretação da Língua Brasileira de Sinais (Libras) com o tempo dos discursos orais da produção audiovisual.

Esses recursos audiovisuais, como videoaulas e videodocumentários, são agregados em situações de ensino e aprendizagem diversos em contextos de formação inicial e continuada de professores surdos nos cursos de Licenciatura em Letras/Libras – Língua Portuguesa, que ensinarão e ensinam Língua Portuguesa como L2 para surdos. As discussões desse ensino acontecem, principalmente, nos componentes curriculares Didática e Estágios de Formação de Professores, nos quais os estudantes são desafiados, entre outros, à leitura e a escrita. Tais componentes curriculares têm como foco principal o ensino de estratégias didático-pedagógicas, além do estudo acerca dos processos de ensino e de aprendizagem e a (re)significação da língua portuguesa para os estudantes surdos.

Imbuídos/as nessa perspectiva de acessibilidade comunicacional, inspirados/as por experiências vivenciadas, foi realizado no período de 2020 a 2022 o estágio pós-doutoral, aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) (CAAE: 57563522.4.0000.5292; Número do Parecer: 5.444.043), que propôs a realização de estudos que conduzissem os/as pesquisadores/as a um aprofundamento teórico referente a conceitos pertinentes à Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE) em produtos audiovisuais educacionais, relacionando seus parâmetros as videoaulas e videodocumentários enquanto produtos audiovisuais com a dupla finalidade de exposição temática de conteúdos específicos e suporte para o aprendizado da língua portuguesa como L2 para surdos. Paralelamente a esse estudo foram analisadas as consultorias de sujeitos surdos na acessibilidade de recursos audiovisuais na Secretaria de Educação a Distância da UFRN, com o intuito de identificar a apropriação e, talvez, a (re)significação da LSE em materiais educacionais, que desse conta de balizar a análise da LSE como suporte a aprendizagem da língua portuguesa

como L2 pelos surdos.

No contexto universitário, essa temática vem ganhando destaque, a partir de atividades de extensão, no campo da formação continuada e no envolvimento de professores em estudos e na organização de grupos de pesquisa dedicados ao estudos da tradução, como por exemplo, os estudos e grupos vinculados ao Grupo de Estudos de Adaptação e Tradução da Universidade de São Paulo (USP), ao LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), à Pós-graduação em estudos da Tradução (POSTRAD) da Universidade de Brasília (UnB), ao TRAMAD (Tradução, Mídia e Audiodescrição) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao CEI (Centro de Estudos Inclusivos) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Como forma de desenvolver o presente estudo, elegeu-se como contexto de reflexão e de apropriação da LSE, o Grupo de Pesquisa Legendagem e Audiodescrição (LEAD) e o respectivo Laboratório de Tradução Audiovisual (LATAV) do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará (UECE), considerado uma das referências no país no que diz respeito à acessibilidade comunicacional nas áreas de legendagem e de audiodescrição de artefatos audiovisuais.

O Ensino de língua portuguesa para surdos traz à tona diferentes discussões que, potencialmente, incluem, criam e (re)criam contextos de aprendizagem que consideram diversos repertórios de linguagem, como a língua de sinais e a língua portuguesa escrita. Porém, esses contextos ainda não permitem um contexto de aprendizagem, linguisticamente equitativo e inclusivo, em salas de aula inclusivas com estudantes surdos.

Essas discussões, culminaram na tentativa de responder a questão de pesquisa: a LSE, construída a partir do texto de chegada (Libras/L1), no contexto educacional, pode vir a contribuir para a apropriação do português como L2 por sujeitos surdos? Partimos de duas hipóteses, para responder a referida questão: a primeira hipótese, então, tendo por base os estudos teóricos de Debevc, Milošević e Kožuh (2015); Monteiro e Araújo (2013); Montero, Ferreira e García (2015); Nascimento e Nogueira (2019); Silva (2019); Souza e Vieira (2019); Tsukamoto e Torres (2009), nos levou a afirmar que a LSE, no contexto educacional, pode vir a possibilitar melhoria do ensino e da aprendizagem de sujeitos surdos, na apropriação do português como L2; e a segunda hipótese, testada empiricamente, de que a LSE construída a partir do texto de chegada (Libras/L1), facilitaria a compreensão da língua portuguesa (L2) pelo usuário surdo.

Nesse sentido, é nesse contexto que apresentamos este artigo, inspirado no estágio pós-doutoral, realizado no Programa de Pós-Graduação em Lin-

guística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará, com o objetivo de apresentar os resultados da primeira etapa da pesquisa que faz um Mapeamento Sistemático de Literatura (MSL) e analisa o diagnóstico inicial realizado junto aos sujeitos surdos participantes.

1 Delineamento metodológico

A metodologia de abordagem qualitativa foi desenvolvida numa perspectiva descritiva, tendo por base uma análise enunciativo-discursiva, por procurar observar, classificar e interpretar o uso da LSE em contexto educacional. Para tanto, realizou-se uma articulação teórico-metodológica entre os Estudos Bakhtinianos (BAKHTIN, 1997; 2010), a partir de suas categorias de alteridade: i) eu-para-mim; ii) eu-para-o-outro; e iii) outro-para-mim, o dispositivo da Autoconfrontação, elaborado originalmente dentro do contexto da Clínica da Atividade Francesa, para investigar a relação da LSE, elaborada a partir da língua de instrução do surdo, com a aprendizagem da Língua Portuguesa por surdos, e os Estudos da Tradução Audiovisual e a Legendagem para Surdos e Ensurdidos.

Dessa forma, a pesquisa foi organizada em três fases: 1) composição de um grupo com sujeitos surdos bilíngues, proficientes em Libras e em língua portuguesa para realizar o diagnóstico inicial e o estudo de recepção da compreensão das videoaulas com a LSE, sendo uma com a LSE elaborada a partir da língua portuguesa e uma outra videoaula, com a LSE elaborada a partir da língua de sinais; 2) realização da autoconfrontação simples, em dois momentos: 2.1) no diagnóstico inicial, quando os sujeitos surdos tecem comentários acerca de suas percepções pessoais de ser surdo, de acessibilidade e de aprendizagem de língua portuguesa e, 2.2) no estudo de recepção, acerca de seus erros e acertos sobre os conteúdos das videoaulas; e 3) realização da autoconfrontação cruzada, em dois momentos: 3.1) no diagnóstico inicial; e 3.2) no estudo de recepção, quando os observadores junto com a professora/pesquisadora comentam sobre as duas LSE das duas videoaulas, confrontando com os parâmetros.

Sendo assim, os enunciados foram organizados a partir das três categorias bakhtinianas de alteridade: (1) eu-para-mim, promovidas pela autoconfrontação simples; (2) eu-para-o-outro, na escuta e reflexões do discurso do outro sobre suas próprias percepções pessoais no diagnóstico inicial e seus próprios erros e acertos no estudo de recepção e (3) outro-para-mim, observadas no âmbito das autoconfrontações cruzadas. Os resultados dos estudos foram sistematizados

em três categorias de análise: i) diagnóstico inicial; ii) estudo de recepção; e iii) autoconfrontação cruzada. No presente artigo iremos nos atentar a primeira categoria de análise que gesta três subcategorias: i.1) eu-para-mim, promovidas pela autoconfrontação simples; i.2) eu-para-o-outro; e i.3) outro-para-mim, na escuta e reflexões do discurso do outro sobre as próprias percepções no diagnóstico inicial, cujos dados foram obtidos através de um questionário sinalizado contendo 10 perguntas. Os participantes permitiram a filmagem dos encontros e suas respostas sinalizadas foram transcritas para a língua portuguesa.

A composição do grupo com sujeitos surdos bilíngues seguiu como critério de inclusão o fato do sujeito participante ser surdo, bilíngue, proficiente em Libras (primeira língua, L1) e em língua portuguesa (segunda língua, L2), professor universitário, pós-graduando e/ou estudante surdo do último semestre do curso de Letras/Libras da UFRN, campus Natal; e, como critério de exclusão, ser surdo com problemas de visão. Dessa forma, tivemos 6 participantes, identificados pela letra "S" seguida de um número de 1 a 6, para mantermos o sigilo das suas identidades (S1, S2, S3, e assim por diante).

2 Mapeamento Sistemático da Literatura - MSL

De acordo com os pesquisadores Kitchenham e Charters (2007), antes de conduzir uma Revisão Sistemática da Literatura ou um Mapeamento Sistemático de Literatura, é preciso realizar uma pesquisa exploratória inicial para avaliar a necessidade do estudo secundário que deseja conduzir. Essa recomendação deve-se ao fato da velocidade do avanço das pesquisas, principalmente na área da Tradução Audiovisual Acessível ou para identificar algum estudo secundário feito na área, o que tornaria o referido estudo cansativo ou irrelevante.

2.1 Planejamento

Para verificar a necessidade de proceder uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL) buscou-se na plataforma Google Acadêmico identificar a existência de um trabalho secundário sobre a tradução audiovisual para surdos e ensurdecidos em curso por outro pesquisador ou a publicação de um protocolo com este mesmo tema. Após essa busca, definiu-se a Questão de Pesquisa (QP) levando em consideração as suas características como exploratórias: A Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), no contexto educacional, construída a partir do texto de chegada (Língua Brasileira de Sinais - Libras/L1) pode vir a facilitar o proces-

so de ensino e aprendizagem da língua portuguesa (L2) pelo usuário surdo?

Diante do retorno de poucos trabalhos acadêmicos produzindo nesta temática, por não encontrar nenhuma RSL ou uma publicação de protocolo semelhante e pela sensibilidade da questão de pesquisa do tipo exploratória, optou-se pela escolha de um Mapeamento Sistemático de Literatura (RANDOLPH, 2009; MATOS; COELHO; BITTENCOURT, 2020).

2.2 Condução

A estrutura da questão de pesquisa principal foi organizada conforme a estrutura *Population, Intervention, Context, Outcomes, Comparison* (PICOC), recomendada em Kitchenham e Charters (2007). Entretanto, apenas os itens *Population, Intervention e Outcomes* (PIO), foram considerados relevantes para a pesquisa. Utilizou-se o acrônimo PIO que traduzidos para o português são População, Intervenção e Resultados, para auxiliar tanto nesta busca bibliográfica quanto na construção da questão de pesquisa.

Dessa forma, este estudo de mapeamento sistemático teve o objetivo de identificar a LSE para apoiar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa como L2 por surdos, no contexto de materiais educacionais, como videoaulas e videodocumentários, no que tange a legendas elaboradas a partir da tradução da Libras para o português.

Desta forma, definiu-se a seguinte estrutura para o objetivo, conforme proposto em Santos (2010):

- Analisar: relatos de experiência e publicações científicas através de um estudo baseado em mapeamento sistemático;
- Com o propósito de: identificar o uso da LSE para apoiar o processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa como L2 por surdos, cuja importância é obter parâmetros para a tradução da Libras para o português em legendas, bem como as abordagens e estratégias metodológicas para o ensino de língua portuguesa como L2 para surdos e quais delas serão afetadas com o uso de legendas elaboradas da Libras para o português, oferecendo assim, uma possível análise de impactos causados em decorrência destas alterações;
- Com relação à: definição e uso de LSE para o processo de ensino e aprendizagem de português como L2 por surdos;
- Do ponto de vista: de surdos;

– No contexto: educacional.

Sendo assim, de acordo com Araújo (2020), definiu-se as palavras-chave para o acrônimo PIO (Quadro 01):

- i) (P) qual o problema de pesquisa ou quem são os indivíduos/população? Surdos.
- ii) (I) o que será feito, ou qual o tratamento, ou qual a intervenção ou qual a exposição? Tradução da Libras para o português em legendas.
- iii) (O) qual o resultado esperado? Ensino e aprendizagem de português como L2 para surdos.

Quadro 01 – Uso do acrônimo PIO

Acrônimo	P	I	O
Extração	Surdo	Legendagem para Surdos e Ensurdidos	Português como L2 para surdos
Conversão	<i>Deaf</i>	<i>Subtitle for the deaf and deafened</i>	<i>Portuguese as L2 for the deaf</i>
Combinação	Surdo; Ensurdecido; Deficiente Auditivo	Legendagem para Surdos e Ensurdidos; Tradução Audiovisual; Libras (L1); Português (L2); Surdos	Ensino; Aprendizagem; Português (L2); surdos
Construção	(surdo OR ensurdido OR “deficiente auditivo”)	(Legenda para Surdos e Ensurdidos) AND (legendagem OR legenda OR tradução audiovisual)	(português OR L2 OR “português como L2”)
Uso	((surdo OR ensurdido OR “deficiente auditivo”) AND (“Legendagem para surdos e ensurdidos”) AND (legendagem OR legenda OR “tradução audiovisual”) AND (português OR L2 OR “português como L2”))		

O quadro acima nos mostra que quando pertencentes a um mesmo grupo, as palavras são agrupadas por um operador booleano OU (OR) e, quando em grupos distintos, agrupadas com um operador booleano E (AND). Neste trabalho, tem-se o argumento de busca: ((surdo OR ensurdecido OR “deficiente auditivo”) AND (“Legendagem para Surdos e Ensurdidos”) AND (legendagem OR legenda OR tradução audiovisual) AND (português OR L2)).

Cada base de dados possui botões e filtros que auxiliam o retorno dos trabalhos com diferente sensibilidade aos operadores booleano, além de limite de termos na *string* de busca. A busca se deu nas bases de dados da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e SCIELO, e como resultado retornaram 31 trabalhos acadêmicos, sendo selecionados 06 para a extração de dados após aplicação dos critérios de inclusão e exclusão (Quadro 02). Para a base de dados SCIELO retornaram 29 e foram selecionados 5; para a base de dados BDTD retornaram 2 e foi selecionado 1.

Quadro 02 – Critérios de inclusão e exclusão.

Inclusão	Exclusão
Trabalhos primários com tema relacionado ao desta pesquisa	Trabalhos secundários ou terciários
Trabalhos primários realizados nos últimos dez anos (2012-2022)	Trabalhos com cinco páginas ou menos
Trabalhos primários com acesso aberto	Literatura cinza (cinzenta)
Trabalhos primários cujo processo empírico não ultrapasse dez anos	Trabalhos duplicados

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

2.3 Análise dos Estudos

Com a finalidade de responder a QP de pesquisa, que conduziu o MSL, realizamos o estudo das seis pesquisas, apresentadas de forma sintética no quadro abaixo, para situar o leitor da questão de pesquisa, objetivos, metodologia e principais resultados de cada trabalho (Quadro 03).

Quadro 03 – Pesquisas analisadas

Autores	Título	QP	Objetivos	Metodologia	Resultados
Monteiro e Araújo (2013)	Legendagem para surdos: uma pesquisa-piloto sobre a recepção da legendagem de uma campanha política veiculada na televisão na cidade de Fortaleza no ano de 2010	Os parâmetros de LSE (Legendagem para Surdos e Ensurdidos) desenvolvidos pelo grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará são adequados?	Analisar os parâmetros de LSE (Legendagem para Surdos e Ensurdidos) desenvolvidos pelo grupo LEAD.	Pesquisa de campo. Estudo de recepção. Exploratória e qualitativa, baseada na observação, análise e interpretação de fatos.	Palavras longas e as de difícil compreensão dificultaram a leitura das surdas; as imagens ajudam na compreensão das legendas.
Vieira, Teixeira e Chaves (2017)	Caminhos do olhar: A movimentação ocular de espectadores surdos durante a exibição de vídeos legendados	Qual o comportamento ocular de espectadores surdos e ouvintes enquanto leem legendas para surdos e ensurdidos (LSE) em um documentário?	Apresentar os resultados de uma pesquisa experimental sobre o comportamento ocular de espectadores surdos e ouvintes enquanto leem legendas para surdos e ensurdidos (LSE) em um documentário.	Análise descritiva com procedimento experimental de natureza quanti-qualitativa.	As legendas mal segmentadas levaram a uma movimentação ocular dos participantes em que se constatou maior número de movimentos regressivos, atrasos na primeira fixação da legenda e perdas de leitura de partes da legenda, além do maior custo de processamento durante a leitura das legendas.
Nascimento e Nogueira (2019)	Tradução Audiovisual e direito à cultura: o caso da comunidade surda	O termo “janela de Libras” é adequado quando se trata da tradução audiovisual?	Discutir a tradução e interpretação da língua de sinais em meios audiovisuais como direito social e linguístico da comunidade surda	Pesquisa documental e teórica.	Proposta de mudança de termos – de janela de Libras para tradução audiovisual da língua de sinais (TALS)

Silva (2019)	Legendagem de materiais audiovisuais em língua estrangeira para surdos e ensurdecidos: Uma proposta inclusiva para discentes do bacharelado em LEA-NI	Como é feita a legendagem de materiais audiovisuais em língua estrangeira para surdos e ensurdecidos?	Sensibilizar o corpo discente e docente do Curso LEA-NI da UFPB no que diz respeito à acessibilidade.	Pesquisa empírica com estudo de recepção.	Chegou-se à conclusão da presença cultural nas legendas, uma vez que os parâmetros de legendagem são próprios para cada língua.
Souza e Vieira (2019)	LSE de vídeos em Libras	Como se dá o processo de produção de LSE de vídeos em Libras, com ênfase em traduções de textos acadêmicos?	Descrever o processo de produção de LSE de vídeos em Libras, com ênfase em traduções de textos acadêmicos.	A metodologia empregada é do tipo descritiva.	Traça uma análise descritiva desse processo de legendagem, apresentando as dificuldades encontradas, as peculiaridades observadas nesse gênero de vídeos e as estratégias adotadas por este pesquisador, com vistas à orientação de outros legendistas na tarefa de tornar vídeos produzidos em Libras acessíveis também a pessoas que não tem fluência nessa língua.
Vieira, Assis e Araújo (2020)	Tradução Audiovisual: Estudos sobre a leitura de LSE	Quais os principais resultados encontrados nas pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores do grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará?	Apresentar uma revisão de literatura sobre as pesquisas desenvolvidas pelos pesquisadores do grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) sobre a leitura de legendas por espectadores surdos e ensurdecidos em meios audiovisuais.	Pesquisa bibliográfica	O objetivo do grupo tem sido o de investigar como os parâmetros em legendagem, validados pela literatura da área, influenciam o processamento de legendas por espectadores surdos e ensurdecidos.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2023.

Monteiro e Araújo (2013) apresentam os resultados de uma pesquisa-piloto realizada na cidade de Fortaleza-CE, em que foram testados parâmetros de LSE (Legendagem para Surdos e Ensurdidos) desenvolvidos pelo grupo LEAD (Legendagem e Audiodescrição) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). A pesquisa observou a recepção de duas participantes surdas com relação à legendagem de programas políticos na TV, avaliando os parâmetros utilizados. Os resultados indicaram que as palavras longas e as de difícil compreensão dificultaram a leitura das surdas; as imagens ajudaram na compreensão das legendas; ambas consideraram a velocidade das legendas normal.

Vieira, Teixeira e Chaves (2017) apresentam os resultados de uma pesquisa experimental sobre o comportamento ocular de espectadores surdos e ouvintes enquanto leem legendas para surdos e ensurdidos (LSE) em um documentário. A pesquisa nos ajuda a compreender que legendas mal segmentadas podem levar o surdo a não conseguir acompanhar de forma adequada e confortável as legendas.

Nascimento e Nogueira (2019), detectaram escassez de pesquisas no campo da Tradução Audiovisual (TAV) e da Tradução Audiovisual Acessível (TAVa). Em suas pesquisas¹ detectaram a necessidade de olhar para a tradução de língua de sinais como ampliação das possibilidades de consumo da cultura audiovisual no Brasil. O foco das pesquisas é a Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (TALS) (ou Janela de Libras).

Silva (2019) em sua pesquisa propõe a produção de Legendas para Surdos e Ensurdidos (LSE) em português, francês, inglês e espanhol enquanto ferramenta pedagógica inclusiva e auxiliadora de aprendizagem a ser utilizada em sala de aula de língua estrangeira.

De acordo com Souza e Vieira (2019), a Legendagem para Surdos e Ensurdidos (LSE), além de ser uma poderosa ferramenta de inclusão, pode ser um excelente recurso didático para o aprendizado de línguas. A LSE também pode ser usada em conjunto com outros recursos de acessibilidade, como a Janela de Libras (Língua Brasileira de Sinais), porém ainda são raras as iniciativas que contemplem seu uso em vídeos produzidos em Língua de Sinais.

Vieira, Assis e Araújo (2020) discutem como os parâmetros em legendagem, validados pela literatura da área, influenciam o processamento de legendas

1 “Tradução de Libras em materiais audiovisuais: usabilidade de janelas e sincronia verbo-visual no processo tradutório” desenvolvido pelo primeiro autor (NASCIMENTO, 2019) no Laboratório de Tradução Audiovisual da Língua de Sinais (LATRAVILIS) e o projeto “Levantamento e análise de traduções multimodais do português para a Libras nas produções cinematográficas”, no qual o segundo autor (NOGUEIRA, 2019) é participante, desenvolvido no grupo de pesquisa COMacesso.

por espectadores surdos e ensurdecidos.

As seis pesquisas fortalecem nossas discussões sobre o uso da LSE por usuários surdos, sua importância para a acessibilidade comunicacional desse grupo e que implica reconhecer o outro, surdo, como aquele que constrói, se (re) constrói, constitui saberes, produz cultura. Porém, apesar de discutirem com profundidade sobre a LSE, processo de ensino e aprendizagem de indivíduos surdos, Libras como língua materna desse grupo, não trazem dados diretos que possam responder se a LSE, quando elaborada a partir da Libras, pode vir a contribuir com os surdos para a aprendizagem da língua portuguesa como L2, o que reforça a importância desta pesquisa na contribuição das discussões acerca do processo de ensino e aprendizagem da língua portuguesa como L2 para/por surdos.

3 Diagnóstico inicial: o “eu-para-mim”, o “eu-para-o-outro”, o “outro-para-mim”

A análise enunciativo-discursiva, da alteridade e do encontro de saberes em um diagnóstico inicial com foco no uso de LSE no ensino e aprendizagem de língua portuguesa pelos surdos, a partir das categorias bakhtinianas de eu-para-mim, promovidas pela autoconfrontação simples; eu-para-o-outro e outro-para-mim, observadas no âmbito das autoconfrontações cruzadas, envolveram aspectos ideológicos, identitários e culturais do “[...] eu-para-mim, do outro-para-mim e do eu-para-o-outro” (BAKHTIN, 2010, p. 114).

As três primeiras perguntas tratavam de informações pessoais de gênero, graduação e titulação. Os seis participantes (identificados pela letra S seguido de um número) são surdos, usuários e fluentes na Libras, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino, sendo dois graduados em Letras/Libras, sendo um apenas graduado (S1), um com mestrado (S2), dois cursando o mestrado (S3 e S4) e dois graduandos do último semestre do curso de Letras/Libras (S5 e S6). Apesar de trajetórias acadêmicas parecidas, cada qual é único e em constante transformação, pois

Se eu mesmo sou um ser acabado e se o acontecimento é algo acabado, não posso viver nem agir: para viver devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial na minha vida –, devo ser para mim mesmo um valor ainda porvir, devo não coincidir com a minha própria atualidade (BAKHTIN, 1997, p. 33).

As perguntas 4 e 5 tratavam de aspectos identitários e culturais de ser

surdo usuário da língua de sinais como primeira língua. A questão 5 possuía quatro subitens. Como resultados dessas questões, obtivemos que o aprendizado da Libras se deu de forma tardia, na concepção de todos, pois o Estado do Rio Grande do Norte não ofertava (assim como ainda não oferta) escolas bilíngues para estudantes surdos ou porque a família desconhecia a importância desse aprendizado. Vindos de escolas inclusivas, foram submetidos a aprendizagem da língua oral com terapias de oralização. Porém, vencida essa etapa de serem forçadamente inseridos em uma cultura majoritariamente ouvinte, aprenderam a língua de sinais nos grupos de igreja, com amigos surdos, passando a assumi-la como primeira língua, abandonando aos poucos a oralização. A proficiência na língua levou S1 e S2 a carreira universitária, tornando-os/as professores/as de Libras, após a graduação em Letras/Libras, marco histórico para a comunidade surda que passou a obter o direito de uma formação bilíngue, voltada para o ensino de Libras e para a tradução e interpretação da língua de sinais; caminho pretendido por S3 e S4.

Esse contexto, nos leva a afirmar que, professores/as surdos/as “[...] fomentam o uso da Libras em todos os espaços da escola e por se constituírem como surdos, por sua trajetória de vida, tem condições experienciais e linguísticas de contribuir de forma ímpar com a construção de uma didática bilíngue” (ALBRES; SARUTA, 2012, p. 36).

Outro aspecto a se discutir diante dos aspectos identitários e culturais de ser surdo usuário da língua de sinais como primeira língua é que, os gêneros do discurso são transmitidos juntamente com o aprendizado da língua materna, tanto para ouvintes quanto para surdos. De acordo com Bakhtin (2010, p. 301-302), “[...] a língua materna – a composição de seu léxico e sua estrutura gramatical –, não a aprendemos nos dicionários e nas gramáticas, nós a adquirimos mediante enunciados concretos que ouvimos e reproduzimos [...]”. Dessa forma, é extremamente importante para o sujeito surdo sua exposição a língua de sinais desde o seu nascimento, para que os gêneros do discurso, ou seja, as formas da língua e as formas típicas do enunciado, sejam introduzidos na experiência e na consciência desses sujeitos, à medida em que a língua de sinais se efetua ao redor do surdo, sem serem aprendizagens desassociadas. Como coloca S2: “*O aprendizado tardio da língua de sinais, talvez não tenha sido a maior dificuldade, mas não a aprender no tempo certo, me fez ter um aprendizado tardio da língua portuguesa, que deveria ser sempre minha segunda língua, mas não foi*” (TRADUÇÃO LIVRE).

Questionados “como se comunicam com quem não sabe Libras?”, todos,

com exceção de S1, alegaram recorrer a leitura labial e a escrita em português. Para S1, “[...] não entender conseguir acompanhar a leitura labial. Ouvintes falam diferentes, nem sempre a articulação das bocas é compreensível”. S1 ainda coloca que consegue articular algumas palavras, o que para ele “[...] isso, às vezes, facilita, mas o ideal seria poder me comunicar como sou. Eu uso a Libras, eu me comunico, me relaciono, usando Libras”.

De acordo com Maher (2007, p. 73),

[...] o bilíngue – não o idealizado, mas o de verdade – não exibe comportamentos idênticos na língua X e na língua Y. A depender do tópico, da modalidade, do gênero discursivo em questão, a depender das necessidades impostas por sua história pessoal e pelas exigências de sua comunidade de fala, ele é capaz de se desempenhar melhor em uma língua do que na outra – e até mesmo de se desempenhar em apenas uma delas em certas práticas comunicativas.

O uso de LSE, organizada a partir da Libras, para subsidiar a aprendizagem da língua portuguesa como L2 para surdos, como propomos em nossa pesquisa, não é a solução definitiva para responder a todas as perguntas que envolvem a temática. E sozinha, apenas será mais um recurso a favor dessa aprendizagem. Faz-se necessário políticas linguísticas efetivas que garantam ao sujeito surdo o uso de sua língua materna e a aprendizagem dessa língua desde a mais tenra idade. Políticas linguísticas que garantam professores surdos bilíngues nos espaços escolares da educação básica, sejam estes inclusivos ou bilíngues, assim como garantam escolas bilíngues na educação infantil e nos anos iniciais da criança surda.

A questão 6, também com quatro subitens, focava na relação do sujeito surdo com a língua portuguesa, se são fluentes, se leem, escrevem e compreendem bem; como se deu a aprendizagem dessa língua por eles/as e se esse ensino foi eficiente para eles/as; quais as dificuldades na compreensão da Língua Portuguesa; e que recursos poderiam ajudar ou ajudam no seu processo de aprendizagem da Língua Portuguesa.

S1, S5 e S6 atestam não serem proficientes na língua portuguesa, possuem dificuldades para entender textos extensos se eles não estão acessíveis. S2, S3 e S4, possuem uma boa compreensão, mas não poderiam afirmar serem fluentes na língua portuguesa. Todos alegam um ensino insuficiente, que não considerou as especificidades linguísticas de uma pessoa surda. Com estratégias de ensino para ouvinte, muitas vezes limitavam-se a fazerem cópias. Somente no ensino superior puderem se aprofundar nas questões de ensino e aprendizagem da língua portuguesa como segunda língua (L2). Para S3, as tecnologias educacionais

tornam-se aliadas nesse processo, mas

[...] professores surdos precisam ser capacitados para esse uso. Não é apenas usar, é saber como usar. Nosso curso, Letras-Libras, da UFRN, tem disciplinas que focam o uso de tecnologias para o ensino de Libras e de Língua portuguesa, porque consideramos importante. Mas ouvintes tem vantagem, grande parte das tecnologias educacionais não são acessíveis comunicacional para o surdo. Se o professor da disciplina não explicar passo a passo, se o aluno surdo sozinho tiver que aprender, ele desiste. Fica tradicional. Estágios, também, precisa estimular esse uso e a forma de como usar esses recursos”.

De acordo com Ho (2022, p. 101), o uso de tecnologias educacionais nas salas de aula, juntamente com sua exposição extraclasse a gêneros populares de vídeo do YouTube “[...] podem vir a contribuir para a criação de um espaço translinguagem, que pode oferecer um ambiente seguro e de apoio para os alunos transcenderem criativa e criticamente registros sócio-históricos definidos, normas e convenções de gênero [...]”. (TRADUÇÃO LIVRE).

A questão 7, com dois subitens, trata da escrita de sinais (SignWriting/SW). Se conhecem, se são usuários; se compreendem, leem e escrevem bem. Todos conhecem a SW, porém não são usuários, por não terem proficiência na escrita. O que para S5 é uma falha, pois

“[...] eu, como surda, deveria saber mais. Também é minha língua. É a escrita, mas dou mais atenção a língua portuguesa, porque são poucos artigos, livros, que seja em SW. Ela poderia até me ajudar na língua portuguesa, né verdade? Porque não? Não sei, mas penso que poderia ser uma ponte com a aprender língua portuguesa como L2. Não sei, digo, só pensando, mas quem sabe. Precisa pesquisa.”.

O depoimento de S5, fez com que S6 concordasse colocando que

“[...] de fato, precisa pesquisa. Porque, também, acho que o SW poderia ajudar o surdo na aprendizagem de língua portuguesa. Se o surdo aprende desde cedo sua língua materna, a escrita de sua língua, a aprendizagem escolar, acadêmica, será melhor. Teríamos dificuldade, mas ouvintes tem dificuldades, mas seriam menores. Hoje são enormes. Falta conhecimento aos professores e falta pesquisa”.

O ensino de língua portuguesa como L2 para surdos precisa fazer rupturas paradigmáticas, produzir reflexões críticas e autocríticas, criatividade, mudanças qualitativas e novos conhecimentos. Nesse sentido, o ensino e a aprendizagem do SW, mobilizado na prática docente, pode favorecer uma aprendizagem ativa, diversificada e coesa, que faça sentido na realidade do surdo. Segundo Bózoli (2015, p. 09), o SW “[...] apresenta-se como um possível aliado no processo de edu-

cação de alunos surdos”.

A questão 8, com três subitens, trata da LSE. Se são usuários; se compreendem e leem bem; se a LSE ajuda na compreensão do vídeo; e se acompanham bem a LSE. Todos os participantes da pesquisa são usuários da LSE. Porém, sentem dificuldades em acompanhar as legendas, quando visualizam mais a tradução audiovisual da língua de sinais (TALS). Para exemplificar, S4 relata que,

“[...] por exemplo, nos vídeos acadêmicos, videoaulas, a janela de Libras está ok, o intérprete está grande na tela, silhueta recortada, visualmente tudo certo, a LSE está bem feita, cor das letras, duas frases, velocidade boa, ok. Mas, eu vejo a sinalização e vejo a LSE e não vejo que sinal é o que a LSE está colocando, então, me perco, fica confuso; volto pra tentar entender. Entende? É difícil, e as vezes só foco na janela de Libras mesmo”.

A LSE deve seguir parâmetros estabelecidos quanto ao número de linhas, o tempo de exposição mínimo e máximo, o número de caracteres por linha, a velocidade de leitura de 145ppm, 160ppm ou 180ppm, ter boa segmentação linguística, entre outros, além de ser necessário um “[...] equilíbrio entre os parâmetros técnicos e linguísticos da legendagem (e também paralinguísticos, no caso da LSE) [...]”, para que seja mais confortável o processamento do texto legendado. (VIEIRA, ASSIS; ARAÚJO, 2020, p. 120). Outro fator importante, de acordo com Souza & Vieira (2019, p. 164), é que o fluxo de traduções no processo de tradução da Libras para o Português, deve iniciar com “[...] o texto acadêmico em Português, passando pela primeira tradução (do Português para Libras), depois pela segunda tradução (da Libras para o Português, originando o roteiro de legendagem) e finalizando com a LSE, isto é, o terceiro processo tradutório”. Entretanto, Souza & Vieira (2019) apontaram que é preciso investigar “[...] como traduzir datilologias e repetições da Libras em vídeos de forma a não comprometer o conforto na recepção da LSE”.

A questão 9 pede para que marquem o que significa para eles/as um vídeo acessível, se é um vídeo com legenda, com TALS ou com legenda e TALS. Todos concordam que um vídeo acessível para surdos tem que ter legenda e TALS. Mas uma legenda que respeite a língua de sinais. S1 a respeito dessa afirmativa coloca que, “[...] a legenda é feita por ouvintes, que escuta português e escreve a legenda. A legenda partir da língua de sinais, pode ser feita surdos e ouvintes, e ajuda a entender melhor a língua portuguesa, porque é a língua de sinais sendo prioridade”. Depoimento que é reforçado pro S5 ao colocar que

“[...] são poucas as videoaulas acessíveis. Sempre temos de outros lugares, do

INES, principalmente, mas temos que começar a termos nossas videoaulas acessíveis, na graduação e na pós-graduação. Estou no mestrado, sinto que muitos conteúdos que sempre serão discutidos nas disciplinas precisam já ter videoaulas acessíveis com TALS, com legenda que faça sentido, que seja originada da língua de sinais".

A questão 10, com um subitem, pergunta o que é ser surdo bilíngue, se se consideram surdos bilíngues e porquê. Mais uma vez todos concordam que são bilíngues, principalmente por serem usuários da Libras. A Libras é o primeiro artefato cultural do sujeito surdo. Faz parte de sua identidade, é sua condição. Não é a falta da língua oral, é ter sua própria língua. Não é o uso de "gestos", mas é o uso de uma língua visual-gestual, viva, com gramática própria.

Considerações Finais

As reflexões construídas ao longo deste artigo favorecem o consenso de que a LSE pode vir a favorecer a aprendizagem da língua portuguesa quando for produzida a partir da TALS. Entretanto, estudos de recepção fazem-se necessário para atestar a veracidade de tal afirmativa. Então, é preciso que este campo desperte interesse.

A fundamentação teórica se deu, principalmente, tomando por base discursiva a Tradução Audiovisual da Língua de Sinais e a Legendagem para Surdos e Ensurdecidos e seus parâmetros. A opção por esses dois fundamentos teóricos deve-se ao fato deles dialogarem com a tese desta pesquisa, a saber: os estudos acerca da LSE provocam novas necessidades dialógicas quando discutidas no contexto educacional para possibilitar melhoria do ensino e da aprendizagem de sujeitos surdos, na apropriação do português como L2. Nesse sentido, os referidos fundamentos teóricos foram ao encontro ao proposto na pesquisa, pois consideramos como objeto de estudo a LSE como recurso de aprendizagem do português como L2 pelo sujeito surdo, enquanto qualificadora desse processo e da significação/ressignificação da LSE em contextos de materiais educacionais.

Dessa forma, é necessário aprofundar o estudo sobre Legendagem para Surdos e Ensurdecidos e produtos audiovisuais educacionais, relacionando seus parâmetros a videoaulas e videodocumentários enquanto produtos audiovisuais que, além, da exposição temática de conteúdos específicos possa dar suporte para o aprendizado da Língua Portuguesa como L2 para surdos. Paralelamente a esse estudo devem ser discutidas as consultorias de sujeitos surdos na acessibilidade de recursos audiovisuais, com o intuito de identificar a apropriação e, talvez, a (re)significação da LSE em materiais educacionais.

Referências

- ALBRES, N. de A; SARUTA, M. V. **Programa curricular de língua brasileira de sinais para surdos**. São Paulo: IST, 2012.
- ARAÚJO, V. L. S., VIEIRA, P. A; MONTEIRO, S. M. M. Legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE): um estudo de recepção com surdos da região Sudeste. **Tradterm**. v. 22, p. 283-302, dez. 2013.
- ARAÚJO, W. C. O. Recuperação da informação em saúde: construção, modelos e estratégias. Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, **ConCI, Convergências em Ciência da Informação**, v. 3 n. 2, p. 100-134, 10 jul. 2020.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. SP: Martins Fontes, 2010, p. 277-326.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 1997.
- BÓZOLI, D. M. F. **Um estudo sobre o aprendizado de conteúdos escolares por meio da escrita de sinais em escola bilíngue para surdos**. 2015. 188 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Maringá, 2015.
- CANDAU, V. M. **Didática crítica intercultural**: aproximações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- DEBEVC, MATJAZŽ; MILOŠEVIĆ, DANIJELA; KOŽUH, INES. A Comparison of Comprehension Processes in Sign Language Interpreter Videos with or without Captions. **PLoS ONE**, 26. v. 10, n. 5 p. 1-15, maio, 2015.
- FLEURI, R. Políticas da diferença: para além dos estereótipos na prática educacional. **Revista Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 95, p. 495-520, ago. 2006.
- HALL Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 17-46, jul./dez. 1997.
- HO, W. Y. J. The construction of translanguaging space through digital multimodal composing: A case study of students' creation of instructional videos. **Journal of English for Academic Purposes**, v. 58, p. 101-134, jul. 2022.
- JIMENEZ-HURTADO, C. **Traducción y accesibilidad**. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de Traducción Audiovisual. Frankfurt: Peter Lang, 2007.
- KITCHENHAM, B.; CHARTERS, S. **Guidelines for performing Systematic Literature Reviews in Software Engineering**. Technical Report EBSE 2007-001, Keele University and Durham University Joint Report, 2007, 65p.
- MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. *In*: CAVALCANTI, M. C; BORTONI-RICARDO, S. M. (orgs.). **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2007, p. 67-94.
- MATOS, D. D. M. da C., COELHO, J. A. P. de M; BITTENCOURT, I. I. Mapeamento Sistemático e Revisão Sistemática da Literatura em Informática na Educação. *In*: JAQUES, P.; PIMENTEL, M.; SIQUEIRA, S.; BITTENCOURT, I. I. **Metodologia de Pesquisa Científica em Informática na Educação**: Abordagem Quantitativa. (Série Metodologia de Pesquisa em Informática na Educação, v. 2) Porto Alegre: SBC, 2020. Disponível: <https://metodologia.ceie-br.org/livro-2/>. Acesso em: 21 out. 2021.
- MONTEIRO, S. M. M.; ARAÚJO, V. L. S. Legendagem para surdos: uma pesquisa piloto sobre a recepção da legendagem de uma campanha política veiculada na televisão na cidade de Fortaleza no ano de 2010. **Revista Intercâmbio**, São Paulo: LAEL/PUCSP, v. XXVII. p. 141-163, 2013.

MONTERO, I. C. B.; FERREIRO, R. L.; GARCÍA, A. T. P. Campus do Mar accesible: el proceso de traducción de textos divulgativos de ámbito científico a la Lengua de Signos Española y al Sistema de Signos Internacional. Madri: **Actas del Congreso CNLSE de la Lengua de Signos Española**, 2015.

NASCIMENTO, V.; NOGUEIRA, T. C. Tradução Audiovisual e direito à cultura: o caso da comunidade surda. **Revista Percursos Linguísticos**, Dossiê Tradução e transformação social, v. 9, n. 21, p. 105-132, 2019.

RANDOLPH, J. J. A guide to writing the dissertation literature review. **Practical Assessment, Research & Evaluation**, v. 14, n. 13, p. 1-13, 2009.

SANTOS, G. "Revisão Sistemática, Mini-Curso". In: **Simpósio Brasileiro de Qualidade de Software – SBQS**. Belém-PA. 2010.

SILVA, K. K. M. S. **Legendagem de materiais audiovisuais em língua estrangeira para surdos e ensurdecidos**: Uma proposta inclusiva para discentes do bacharelado em LEA-NI. 2019. 74 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Negociações Internacionais) – Departamento de Mediações Interculturais, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

SOUZA, E. S. de; VIEIRA, P. A. Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) de vídeos em Libras. **Transversal – Revista em Tradução**, Fortaleza, v. 5, n. 9, p. 154-173, 2019.

TSUKAMOTO, N. M. S.; TORRES, P. L. A tecnologia de editoração de legenda no processo educacional dos alunos com surdez. In: Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 3., 2009. **Anais [...]**. PUCPR, 2009, p. 1-12.

VIEIRA, P. A.; ASSIS, I. A. P. de; ARAÚJO, V. L. S. Tradução Audiovisual: Estudos sobre a leitura de Legendas para Surdos e Ensurdecidos. **Cad. Trad.**, Florianópolis, v. 40, n. esp. 2, p. 97-124, set-dez, 2020.

VIEIRA, P. A.; TEIXEIRA, E. N.; CHAVES, E. G. Caminhos do olhar: a movimentação ocular de espectadores surdos durante a exibição de vídeos legendados. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 493-526, mai./ago. 2017.

Sobre os autores

Flávia Roldan Viana - Doutora em Educação. Professora do Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEEsp) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Natal-RN E-mail: flaviarviana.ufrn@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4756646407294958>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7289-4512>

Vera Lúcia Santiago Araújo - Doutora em Letras. Professora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Fortaleza-CE. E-mail: verainnerlight@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5255403400929743> OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-4654-8747>

Wilson Júnior de Araújo Carvalho - Doutor em Letras. Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Fortaleza-CE. E-mail: wilson.carvalho@uece.br Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3697727406151327> OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-1606-356X>